

TRANSFIGURAÇÕES DO CLÁSSICO: METAFRASIAS

SALA 07 – Prédio I

20/10 – 16h30

MITOS E LENDAS: A SINGULARIDADE DA NARRATIVA DE MARINA COLASANTI

Eliane Batista (Docente - Letras – UEM/Maringá)

Marina Colasanti inicia sua carreira de escritora em 1978, sendo uma personalidade de destaque entre as escritoras brasileiras, dada a sua multifacetada prática escritural que se destina ao público de todas as idades. Escreveu para crianças, jovens e adultos os mais diversos tipos de textos, como contos de fadas, crônicas, ensaios, minicontos, bem como retomou vários mitos clássicos, revelando um grande interesse de descrever, vivenciar as relações humanas. Com relação à presença do mito nas obras da autora, destacamos Aristóteles, que considera o *mythos* como o centro do sistema poético, entendido como um produto do fazer poético (a arte da imitação), a *mimesis*. Porém, a *mimesis* não deve ser encarada como, meramente, uma reduplicação da realidade, mas sim, está intimamente ligada a dimensão criadora do autor. Nesta perspectiva, diante da importância do mito na literatura, este trabalho tem como objetivo verificar a presença de mitos e lendas presentes na obra de Marina, bem como destacar a maneira como a autora retoma e reconstrói os mesmos.

Palavras-chave: mito; lendas; Marina Colasanti; narrativa

20/10 – 16h50

O MITO DO TRIÂNGULO AMOROSO: DA ÉPICA AO CONTO MACHADIANO

Míriam Zafalon (Mestranda – Letras – UEM/Maringá)

O triângulo amoroso é um dos temas mais explorados pelo universo ficcional. Desde os textos épicos até o romance moderno, revisita-se esse assunto recorrente na literatura, com ênfase nas vicissitudes e contradições que enredam os personagens e que as condicionam, nas peripécias peculiares a cada caso. Buscando encontrar similaridades na composição da tríade amorosa formada por Menelau/Helena/Páris, da “Iliada” com a tríade Vilela/Rita/Camilo, criada por Machado de Assis em “A Cartomante”, o trabalho parte de uma explanação sintética sobre aspectos pertinentes à noção do mito do triângulo amoroso e sobre sua presença nos dias atuais. Analisa-se a atualização do mito no conto de Machado, fazendo uma analogia com o texto homérico, elencando as situações diversas que contribuíram para a postura das personagens. Objetiva-se, enfim, estudar nestes textos uma faceta do percurso do clássico ao moderno, enfatizando a forma de manifestação e modernização do mito do triângulo amoroso tal como ocorre na obra machadiana, identificando-se ali uma linguagem desveladora da consciência mítica que reflete aspectos dos problemas existenciais sempre presentes na vida dos homens.

Palavras-chave: Triângulo amoroso; mito; Machado de Assis; Ilíada.

20/10 – 17h10

A REPRESENTAÇÃO DO MITO NAS COMÉDIAS DE ARISTÓFANES

Jane Kelly de Oliveira (Docente - UEM/Maringá - Doutoranda – Letras UNESP/Araraquara)

TRANSFIGURAÇÕES DO CLÁSSICO: METAFRASIAS

Podemos reconhecer narrativas míticas nas conhecidas e sempre revisitadas epopéias de Homero; nos escritos de Hesíodo, uns dos primeiros a organizar as narrativas sobre os deuses; nos poetas líricos arcaicos; na tragédia. E na comédia? Será que o mito sobrevive ao riso? Esta é a questão que guiou o estudo a ser apresentado nesta comunicação. Pretendemos verificar como o mito contribuiu para a criação dos enredos cômicos das comédias de Aristófanes. Apesar de a comédia grega ser deixada de lado na maioria dos estudos sobre o mito e mitologia, acreditamos que esse gênero dramático grego do século V a.C., assim como seu gênero irmão, a tragédia, tem no mito uma de suas inúmeras estratégias de composição cômica, além de ter contribuído para a transmissão do mito antigo para a modernidade. Sabemos que o mito não é o cerne da comédia, mas isso não invalida a possibilidade de a comédia ter incorporado o mito em sua forma. Concordamos com Duarte (2005, p. xvi) quando ela diz, na introdução a seu livro *Aristófanes. Duas Comédias: Lisistrata e As Tesmoforiantes*: “Polimorfa e onívora, a comédia se apropriava por imitação e citação deslocada de tudo que a cercava, e não seria o mito que escaparia.”

Palavras chave: comédia antiga; Aristófanes; mito; coro.

20/10 – 17h30

SATYRICON: ESTUDO DA ORIGEM E REPRESENTAÇÃO DO ANTI-HERÓI

Aldineia Cardoso Arantes (Docente – Letras – Fafipa)

O conceito clássico de herói origina-se na Literatura Grega; o termo designa um indivíduo notabilizado por feitos extraordinários. No entanto, com o passar do tempo, essas figuras quase divinas já não correspondiam adequadamente à vontade coletiva. O herói clássico foi sendo substituído pelo “herói problemático”, personagem cuja existência e valores situam-no perante questões das quais não é capaz de expressar consciência clara e rigorosa. A construção desse novo enfoque da imagem do herói é uma idéia atribuída aos tempos modernos, e a sua representatividade evidencia-se, sobretudo, no gênero romance. Contudo, a obra *Satyricon*, escrita no século I d.C., por Petrônio, já apresentava um herói-personagem distanciado dos heróis clássicos, pelo seu caráter individualista e, ao invés do nobre herói clássico, repleto de vícios e defeitos. Trata-se de Encólpio, personagem-herói de *Satyricon*, que, em princípio, encarna a figura identificada como “anti-herói” pela crítica moderna. O personagem Encólpio comprova, então, que a figura do anti-herói não foi uma criação que se justificou apenas no contexto literário moderno. O objetivo desta comunicação é responder, através de uma leitura crítico-interpretativa da obra referida, à questão da origem e das características prototípicas do anti-herói.

Palavras-Chave: Herói; Anti-herói; *Satyricon*

TRANSFIGURAÇÕES DO CLÁSSICO: METAFRASIAS

20/10 – 17h50

O TEMA “TERRA”: DAS GEÓRGICAS VIRGILIANAS PARA AS “GEÓRGICAS BRASILEIRAS”

Aécio Flávio de Carvalho (Docente Pós-Graduação Letras – UEM/Maringá)

A terra e o cultivo da terra vem inspirando manifestações artísticas, nas mais diversas formas de expressão, desde tempo imemoriais. Na tradição literária ocidental, o grego Hesíodo é um nome consagrado do tema; herdamos dele o poema *Os trabalhos e os dias*, talvez o mais antigo elogio do trabalho e dos afazeres da agricultura que o Ocidente pode documentar. Na esteira dele, dando vazão por um lado ao pragmatismo atávico dos agricultores itálicos e, por outro, à sua genialidade poética, o latino Virgílio deixou-nos as *Geórgicas*. Trata-se de uma produção que unifica o amor à terra ao amor da arte, em versos esmerados nos quais o senso do belo serve a ensinamentos magistrais sobre o trato da terra e das coisas do campo, recobrando a rudeza habitual do trabalho agrícola com a suavidade e sutileza da arte mais esmerada. Nesta comunicação, retomam-se os principais elementos de conteúdo das *Geórgicas* para, a partir deles, considerar possíveis pontos de comparação com uma obra da moderna literatura brasileira, intitulada *Lavra lavra*. Da autoria de Mario Chamie, o criador da poesia *práxis*, *Lavra lavra* é um poema rural que, enquanto consolida formalmente o poema *práxis*, buscando um fazer novo para a nossa poesia, reflete um momento da economia agrária brasileira em conteúdos que fizeram Murilo Mendes considerar a obra como as “geórgicas brasileiras”.

Palavras-chave: Comparação, elementos de conteúdo, *Geórgicas*, *Lavra lavra*

21/10 – 14h00

INVERSÃO E COMPLEMENTARIDADE DO MITO NA *LEGENDA ÁUREA*: DIÁLOGO ENTRE O MITO DE ÉDIPO E A LEGENDA DE JUDAS

Marciléia de Souza Apolinário (Mestranda - Letras - UEM)

O presente artigo tem como objetivo apontar e discutir alguns aspectos da fecundidade mítica de um texto próprio da Idade Média, período cujo pensamento era predominantemente antimítico. Para tanto, trataremos aqui de uma narrativa hagiográfica presente na obra de Jacopo de Varazze (século XIII) intitulada de *Legenda Áurea*. O texto a que nos referimos concerne à narrativa da vida de São Matias o sucessor de Judas Iscariotes no grupo apostólico. O que nos chama a atenção é que os acontecimentos referentes a estes fatos são posteriores às desventuras de Judas, no entanto a vida deste último é inserida no meio da narrativa a fim de explicar a necessidade de restituir o conjunto dos Doze Apóstolos. Neste ponto do texto, facilmente reconhecemos um diálogo com as desventuras de um outro personagem mítico muito singular: Édipo. Seja escrevendo ou compilando, Varazze passa adiante os acontecimentos decisivos da tragédia de Sófocles, revestidos de uma perspectiva cristã, saltando aproximadamente dezesseis séculos. Com base nas características levantadas percebemos que não se trata de uma articulação do passado, mas de reconhecer os valores literários e o valor da literatura para a permanente construção do próprio homem.

Palavras-chave: Literatura, mitos, Idade Média, tradição.

TRANSFIGURAÇÕES DO CLÁSSICO: METAFRASIAS

21/10 – 14h20

OS MISTÉRIOS DA VIDA E MORTE: CONFLUÊNCIAS ENTRE O MITO GREGO DA DEUSA DEMÉTER E A VIRGEM MARIA DAS *CANTIGAS DE SANTA MARIA*, DE AFONSO X

Josilene Moreira Silveira (Mestranda – Letras - UEM/Maringá)

Os relatos míticos são recorrentes desde as sociedades primitivas às modernas. Em meio a várias recriações, adquirem significados e conotações distintas, sendo renovados a cada época em função do contexto histórico-cultural do qual são manifestações. Dessa forma, apesar de parecer existir um grande abismo entre a cultura grega pagã e a sociedade cristã do medievo, podemos considerar que há um denominador comum pautado na visão mítica do mundo. Nesse sentido, as oposições ideológicas, sociais e econômicas não obstruem esses vasos comunicantes, mas apenas constroem discursos diferentes para explicar os aspectos misteriosos que constituem aquelas globalidades. Esse acesso ao mito se dá por meio dos registros literários e artísticos que selecionam e petrificam as narrativas míticas e as mantêm para a posteridade. Dessa forma, nosso objetivo é apresentar as confluências entre o mito grego da deusa Deméter e a Virgem Maria, figurada nas *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X. Tendo em vista que o elemento feminino, desde as sociedades antigas, está relacionado aos mistérios da vida e morte, a maternidade parece ser um elemento em comum entre estes mitos.

Palavras-chave: Mito; deusa Deméter; Virgem Maria; Cantigas de Santa Maria.

21/10 – 14h40

O MITO DO PARAÍSO TERRESTRE: A ILHA DOS AMORES E O INFERNO VIRGILIANO

Clarice Zamonaro Cortez (Docente Pós-Graduação Letras – UEM/Maringá)

Procurar uma única fonte para qualquer episódio da obra de Camões é uma difícil tarefa. A reminiscência dos antigos não era sinal de falta de inspiração própria, mas, sim uma homenagem consciente ao modelo de prestígio para ser reconhecida e admirada na sua execução por aqueles que eram capazes de reconhecê-la e admirá-la. Por esse motivo, quando um classicista busca as fontes greco-latinas de Camões ou de qualquer outro poeta moderno, a pretensão não é diminuí-lo, antes exaltá-lo na amplitude do seu convívio espiritual com a Antigüidade. O mito do paraíso terrestre aparece em todas as culturas e liga-se a um estado de felicidade e de inocência quando o mundo se encontrava em equilíbrio perfeito, sem tumulto. O Canto IX, de *Os Lusíadas*, conhecido como episódio da Ilha dos Amores remonta ao arquétipo da Ilha dos Bem-Aventurados, de que fala Hesíodo, é coerente com o utopismo platônico e também recorda os Campos Elísios da *Eneida*, de Virgílio. Uma aproximação das duas epopéias, especificamente do mito do paraíso terrestre é o objetivo desta comunicação.

Palavras-chave: Camões; Virgílio; mito do paraíso terrestre; intertextualidades.

21/10 – 15h00

A RETÓRICA GLOSADA (NAS TABERNAS E BASTIDORES DE PORTUGAL)

Carlos Eduardo Mendes de Moraes (Docente Pós-Graduação Letras – UNESP/Assis)

TRANSFIGURAÇÕES DO CLÁSSICO: METAFRASIAS

Farfuncia e Morais, personagens fictícios de dois poemas portugueses jocossérios anônimos, advogam partes opostas no embate sobre *Qual o melhor petisco para acompanhar a aguardente: azeitona ou sardinha?* Trata-se, na verdade, dos documentos 2929 e 3171, do Fundo da Real Mesa Censória, sob a guarda do Arquivo Nacional da Torre do Tombo – Portugal, datados de maio e junho de 1789, respectivamente. A existência destes documentos manuscritos atesta a prática da retórica e da poética em certames informais, que constituíam treinamento entre alunos da Universidade. Neles, o decoro (compreenda-se adequação entre forma e gênero) se confirmava ao sabor da construção de textos formalmente corretos, desenvolvendo, entretanto, matérias zombeteiras, à luz (ou em prática de emulação às avessas) das poéticas e retóricas antigas, objeto de ensinamento humanista dos alunos dos anos iniciais da Universidade de Coimbra. Pretendemos, neste simpósio, promover uma leitura que demonstra que apesar da matéria ser de cunho zombeteiro, a estrutura é formalmente rígida e adequada aos padrões da retórica propugnada na época.

Palavras-chave: Retórica; Poética; Poemas Jocosos; Século XVIII.

21/10 – 15h20

A DEFINIÇÃO DE CLÁSSICO NO BRASIL DO INÍCIO DO SÉCULO XVIII

Thissiane Fioreto (Docente - Letras - UFGD/ Dourados)

O conceito de clássico evoca um conjunto de significados acumulados ao longo dos anos, desde a civilização greco-romana até a contemporaneidade. Num contexto histórico-literário, o conceito de uma escrita clássica abarca uma obediência ao modelo estabelecido pelos mestres da antigüidade que, norteados pelos princípios da Retórica e da Poética, estabeleceram a chamada tradição, a qual tinha por valores o princípio da emulação e da superação. Produto de uma pesquisa com base numa metodologia filológica, e pautado no referencial teórico da Retórica e da Poética, o trabalho tem como objetivo apresentar o conceito de escrita clássica, fruto dessa tradição, no Brasil Colonial, do início do XVIII, a partir da produção escrita do referido período, especialmente, a produção em prosa e em verso do Movimento Academicista.

Palavras-chave: Clássico; Tradição; Retórica; Poética.